



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

VITÓRIA MOTA DE OLIVEIRA

DIFERENTES EXPRESSÕES DO PRECONCEITO: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE RACISMO, HOMOFOBIA, SEXISMO E IDADISMO

BRASÍLIA

2021



VITÓRIA MOTA DE OLIVEIRA

**DIFERENTES EXPRESSÕES DO PRECONCEITO: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE RACISMO, HOMOFOBIA, SEXISMO E IDADISMO**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: João Gabriel Nunes Modesto.

BRASÍLIA

2021

AGRADECIMENTOS

Dedico meus agradecimentos ao meu professor-orientador João Gabriel, que sem ele e seu incentivo a pesquisa não teria sido feita. Agradeço também aos meus pais, que sempre me deram o privilégio de poder me dedicar aos estudos de forma íntegra. Também presto meus agradecimentos ao UniCEUB por incentivar e apoiar alunos pesquisadores.

RESUMO

O preconceito pode ser definido como uma atitude negativa em relação a um grupo ou a indivíduos por pertencerem a determinados grupos. Essa definição tem favorecido com que seu estudo seja direcionado a grupos específicos (i.e. sexismo, racismo, idadeísmo, homofobia, etc). Apesar do preconceito se direcionar a grupos específicos, acreditamos que tais expressões podem estar relacionadas entre si. Tendo isso em vista, o objetivo geral do presente estudo foi analisar a relação entre racismo, homofobia, sexismo e idadeísmo. Contou-se com uma amostra de 531 participantes, dos quais 417 pertenciam ao sexo feminino e 110 ao sexo masculino. As idades variaram de 18 a 74 anos ($M=24,74$; $DP=9,64$). Os participantes responderam a um questionário online com diferentes medidas de preconceito. Verificou-se que todas as formas de preconceito analisadas estão correlacionadas entre si. Adicionalmente, foi identificado que homens expressaram maiores índices de preconceito do que as mulheres, sendo o idadeísmo o preconceito mais prevalente, independente do gênero. Conclui-se que existem relações moderadas e altas entre diferentes formas de preconceito, e que é preciso uma maior atenção para prevenção e combate ao idadeísmo, tendo em vista que foi o preconceito mais expresso pelos participantes.

Palavras-chave: Preconceito; Racismo; Sexismo; Homofobia; Idadismo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
3	MÉTODO	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	25
	ANEXOS	29

1 INTRODUÇÃO

O estudo do preconceito é clássico no âmbito da psicologia social, sendo um dos temas mais investigados na área (Stangor, 2009). Apesar disso, acreditamos que alguns aspectos do fenômeno demandam melhor compreensão. Por exemplo, existe na literatura uma discussão sobre a existência de um preconceito generalizado (Backstrom & Bjorklund, 2007; Duckitt & Sibley, 2007; Mcfarland, 2010; Osborne et. al., 2020), apesar da maioria das pesquisas focarem na investigação de recortes específicos do fenômeno. Nesse sentido, no presente artigo buscamos analisar se o preconceito pode ser entendido como um construto amplo que possui diferentes dimensões (formas de expressão), ou se cada tipo de preconceito deve ser entendido como um fenômeno isolado e não correlacionado com os demais. Tendo isso em vista, o objetivo geral do presente estudo é analisar a relação entre racismo, homofobia, sexismo e idadismo.

Preconceito é uma atitude negativa em relação a um grupo ou a indivíduos em função de sua pertença a certos grupos (Allport, 1954). Embora muitas pessoas, no senso comum, acreditem que o preconceito é um mero “pré-conceito” (conceito prévio), a diferença entre ambos é o grau de resistência à mudança. No caso do pré-conceito, se uma pessoa está com uma ideia preconcebida errônea, é possível, por meio da argumentação, fazê-la mudar de ideia, o que não acontece facilmente com os preconceituosos que são altamente resistentes a evidências que contrariem suas crenças (Cabecinhas, 2010). Ressalta-se que o entendimento do fenômeno passa pela compreensão dos estereótipos e da discriminação.

Estereótipos são estruturas de conhecimento que servem como “imagens” de determinados grupos e agem como simplificadores da realidade, pois indicam as

características principais que são atribuídas aos indivíduos por pertencerem a determinados grupos sociais, se apresentando, portanto, como “atalhos” mentais. Nesse sentido, o estereótipo deve ser entendido como a dimensão consciente e cognitiva do preconceito (Stangor, 2009). Embora existam estereótipos positivos (ex. japoneses são inteligentes), quando são relacionados ao preconceito, eles se tornam essencialmente negativos por legitimarem o preconceito (ex. eu não gosto dos japoneses porque eles são inteligentes e “roubam” os empregos das pessoas). Não importa quão rigorosa seja a crença sobre determinado grupo, ela sempre será imprecisa (ex. nem todo japonês será inteligente), pois existem características individuais que podem se contrapor à imagem do grupo (Stangor, 2009).

Já a discriminação, diferentemente do preconceito, está necessariamente vinculada a uma conduta ou ato (ação ou omissão) que resulta em violação de direitos inerentes ao ser humano (Joaquim, 2007) (ex. eu agrido um japonês por achar que ele é inteligente e que vai “roubar” o meu emprego). Ou seja, estereótipos se situam no domínio cognitivo (crenças), preconceito no domínio afetivo e a discriminação se situa no campo da ação, do comportamento. Entendida essa distinção conceitual, conforme mencionado, a presente pesquisa se situa no campo do preconceito, buscando analisar a relação entre diferentes tipos (racismo, sexismo, homofobia e idadeísmo).

OBJETIVOS

- Testar a relação entre diferentes tipos de preconceito, de modo a analisar se diferentes formas de preconceito estão relacionadas entre si (permitindo a inferência de um “preconceito geral”);

- Comparar os índices de diferentes formas de preconceito (racismo, homofobia, sexismo e idadeísmo).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Racismo

O racismo deve ser entendido como uma forma de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou grupo devido a características físicas externas, a qual ganha uma re-significação em termos de marca cultural interna definindo padrões de comportamento. Por exemplo, ser negro (marca física externa) pode implicar na percepção do sujeito (indivíduo ou grupo) como preguiçoso, agressivo e alegre (marca cultural interna). O racismo então se configura como uma redução do cultural ao biológico (Lima & Vala, 2004). É importante ressaltar que o termo “raça” não corresponde a nenhuma realidade natural, sendo uma expressão criada socialmente que visa classificar certos grupos sociais. O racismo se constitui como uma forma bastante específica de naturalizar a vida social, isto é, busca explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais/biológicas (Guimarães, 1999).

O racismo no Brasil é complexo de ser enfrentado, tendo em vista a falácia de uma “democracia racial”. Nesse sentido, na medida que as pessoas não se sentem preconceituosas, as campanhas que visam solucionar a discriminação racial não atingem o público destinado devido à falta de identificação, como se a campanha fosse direcionada para o outro, mas não para o racista, pois nem ele se identifica como tal (Sacco, de Paula Couto & Koller, 2016).

Existem diferentes formas de expressão do racismo, desde as mais flagrantes (hostis e explícitas) até formas mais “sutis”. Uma destas expressões é o racismo simbólico (Sears &

Kinder, 1971), que supõe que o racismo seria formado, por um lado, pela afirmação de valores igualitários e, por outro lado, pela oposição a políticas que desejam atingir os valores igualitários. Dessa forma, a política de cotas das universidades para minorias raciais é atacada em nome da igualdade de direitos para todas as pessoas, independente da origem dessa pessoa e do seu contexto.

Outra forma de racismo, bastante evidente no contexto brasileiro, é o racismo cordial (Turra & Venturini, 1995). Este é caracterizado por ser uma forma de discriminação contra cidadãos não brancos, que se manifesta nas relações interpessoais, por meio de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial”. Em um estudo realizado por Turra e Venturi (1995), foram utilizadas frases ditas no cotidiano como por exemplo “negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída” e verificaram que mais de 50% da amostra concordaram com esse tipo de afirmação.

Cabe mencionar também o racismo em sua forma institucional. Segundo Lopez (2012), ele é praticado por instituições públicas ou privadas, do Estado e das leis, que promovem a exclusão ou o preconceito racial de maneira indireta, por meio de mecanismos que geram desigualdades ligadas à educação escolar, a seletividade do mercado de trabalho, à pobreza, as condições de saúde/adoecimento. Um exemplo disso pode ser visto na forma como os policiais abordam pessoas negras, que, muitas vezes, destoa da forma como pessoas não negras são abordadas.

O racismo moderno, por sua vez, é caracterizado pela percepção de que os negros estariam recebendo mais do que merecem e violam valores que são importantes para os brancos. Nessa configuração de racismo, as pessoas acreditam que não existe mais racismo, pois os negros têm as mesmas chances que os brancos para adquirirem o que almejam, eles estão também subindo economicamente muito rápido em locais que não são bem-vindos,

por consequência disso, brancos sentem que as demandas e os meios dos negros são inadequados ou injustos, além disso creem que os seus ganhos não são por mérito e que as instituições lhes dão mais atenção do que merecem (Lima & Vala, 2004). Esse, inclusive, é um dos argumentos centrais da obra “Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor” (Kamel, 2006), que busca relativizar a existência do racismo no Brasil.

Homofobia

A homofobia se caracteriza por ser uma forma de inferiorização, baseada em uma hierarquização das sexualidades, conferindo à heterossexualidade (e a pessoas cisgênero) um *status* superior e natural (Borrillo, 2001), e o que fuja a esse padrão passa a, por conseguinte, ser considerado inferior e “anormal”. Ressalta-se que os homossexuais não são as únicas vítimas de violência homofóbica, pois a violência se dirige a todos aqueles que não aderem à ordem clássica de gênero, como as travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais que têm personalidade considerada masculina, homens heterossexuais que manifestam delicadeza ou sensibilidade (Borrillo, 2001). Resumindo, o termo homofobia tem sido amplamente usado para conceituar violência e discriminação contra indivíduos que apresentem orientação sexual diferente da heterossexual (Costa & Nardi, 2015) ou que fogem fisicamente do padrão hétero.

A homofobia é comumente praticada no contexto familiar. De acordo com Soliva (2010), essas famílias não conseguem proporcionar a essas pessoas uma sensação de acolhimento e quando se deparam com a possível existência de um filho ou uma filha homossexual, muitas reagem de maneira agressiva, com ameaças e outros tipos de violência que indicam a intolerância. A dificuldade de aceitação pode estar ligada à dificuldade dos pais ou outros membros da família se sentirem à vontade com temas mais íntimos, como a

sexualidade. Os pais se deparam com uma quebra imediata dos “sonhos” que planejaram para seus filhos, tais como netos, casamento hétero, constituição da “casa”, o que gera nos familiares um anseio para resgatar esses projetos individuais, desencadeando uma série de conflitos, fazendo da casa um local marcado por medos, receios e incertezas (Sarti, 2004).

A homofobia pode se expressar também no contexto educacional. Esta acontece por meio de agressões verbais e/ou físicas destinadas a estudantes que fogem à adequação heteronormativa. Na escola, o *bullying* homofóbico tem forte impacto na evasão escolar de estudantes que apresentam identidades sexuais e de gênero diferentes da heterossexual, o mesmo ocorre em relação às tentativas de suicídio que aumentam devido a esses preconceitos e discriminações que ocorrem na escola. Uma das principais vítimas da evasão escolar são as travestis e transexuais, pois apresentam mais dificuldade de esconder sua diferença, diferentemente dos gays e lésbicas que conseguem esconder a sexualidade com mais facilidade (Dinis, 2011).

A homofobia também tende a se expressar no ambiente de trabalho, sendo que muitos tendem a camuflar sua orientação sexual, pois desejam evitar a discriminação e buscar uma progressão da carreira profissional. É comum o relato de pessoas que dizem se sentir pouco à vontade se tiverem que trabalhar ou conviver com homossexuais, pois não concordam com as práticas de relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, acreditam que isso é devido à falta de caráter, respeito e valores morais (Pereira, Dia, Lima & Souza, 2017).

Sexismo

Ainda no campo da sexualidade/gênero, tem-se o sexismo, que pode ser entendido como uma atitude negativa dirigida às pessoas em virtude de pertencerem a grupos baseados em sexo biológico. O grupo feminino é o que mais recebe atitudes negativas, sendo que grande parte das situações discriminatórias está relacionada à existência de

estereótipos e atitudes (negativas) em relação ao corpo feminino (Expósito, Moya, & Glick, 1998).

É possível falar da existência de formas tradicionais e contemporâneas de sexismo. O sexismo tradicional é baseado na crença de que mulheres são inferiores aos homens. Esse tipo de sexismo se baseia em 3 ideias (Formiga, Golveia, & Santos, 2002; Glick & Fiske, 2001). A primeira ideia se refere ao paternalismo dominador, que entende que as mulheres são mais fracas e inferiores aos homens, por isso a necessidade da figura masculina dominante. A segunda é a de que há uma diferenciação de gênero competitiva, que as mulheres são diferentes biologicamente e não possuem as características necessárias para assumir posições de chefia, devendo se limitar à área privada (casa), pois é onde estão preparadas. Já a terceira diz respeito à hostilidade heterossexual, em que as mulheres, por causa do seu “poder sexual”, seriam perigosas e manipuladoras para os homens.

O sexismo benévolo, por sua vez, é mais difícil de ser notado, pois se apresenta como uma atitude positiva e que aparenta não ser preconceituosa em relação à mulher, em que é evidenciado o sentido paternalista, que a descreve como pessoa frágil, que necessita de atenção, mas que ao mesmo tempo completa o homem (Mesquita Filho, Eufrásio & Batista, 2011). As principais características do sexismo benévolo são o paternalismo protetor, a diferenciação de gênero com base na complementariedade, que se resume em dizer que as mulheres têm por natureza muitas características positivas que complementam os homens, e a intimidade heterossexual que se caracteriza pela dupla dependência dos homens em relação às mulheres: dependem delas para criar seus filhos e para satisfazer suas necessidades sexuais e reprodutivas (Glick & Fiske, 2001).

O sexismo benevolente pode ser considerado, muitas vezes, ainda mais prejudicial que o hostil, pois pode ser usado para compensar ou legitimar o sexismo hostil e, como o

sexista benévolo geralmente não tem a percepção de que é sexista, as possibilidades de intervenção contra essa forma de preconceito se tornam ainda mais difíceis. Contudo, é nítido que os dois sexismos servem para justificar o poder estrutural dos homens (Expósito, Moya & Glick, 1998).

Idadismo

O termo idadismo é utilizado para a compreensão do preconceito e da discriminação contra idosos (Butler, 1969). Essa discriminação pode ocorrer de uma forma pessoal (por indivíduos) ou institucional, que ocorre quando a discriminação com idosos é resultado da política da instituição ou da organização (Magalhães et al., 2009).

Existem três modalidades em que é possível notar o idadismo. A primeira diz respeito a aspectos pessoais, dimensão em que o indivíduo cria crenças e sentimentos individuais sobre o envelhecimento. A segunda modalidade é a cultural, em que foram criados culturalmente estereótipos negativos para as pessoas idosas. Já a terceira se refere a aspectos estruturais, em que há uma conjuntura econômica que prejudica pessoas em idade avançada, como, por exemplo, dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, baixos salários ou acessos escassos aos cuidados de saúde (Sousa et al. 2014).

O idadismo também pode ser expresso de uma maneira mais flagrante (hostil) e de um modo benevolente, assim como mencionado para o sexismo, sendo que a expressão benévola é mais difícil de ser identificada. Uma das formas desta se manifestar, pode ser por meio da percepção infantilizada do idoso, que utiliza a desculpa da incapacidade para segregá-lo em lugar diferente do resto da sociedade. Ademais, quanto ao mercado de trabalho, é muito raro alguém defender a figura do idoso como alguém tão competente quanto qualquer outra pessoa para ocupar o cargo de trabalho, o discurso presente é que os idosos precisam trabalhar porque o Estado não lhe provê uma aposentadoria que seja

suficiente para uma vida digna (De Souza et al. 2019).

A velhice tende a ser vista como uma fase dramática e indesejada tanto pela sociedade quanto pelos órgãos públicos (Sousa et al. 2014). A idade adulta tardia é uma construção social, assim como as outras fases da vida são, havendo uma cronologização que permite correlações entre a idade com o que se deve fazer em cada fase da vida. Ou seja, as expectativas humanas são de que crianças devem ir à escola, adultos devem trabalhar e ter filhos, porém não há nenhum papel instituído pela sociedade aos idosos, o que desconsidera as potencialidades individuais (Groth, 2003).

Em uma pesquisa realizada por Sousa et al. (2014), em que analisaram 145 brasileiros, com idades entre 60 e 86 anos, foram dispostas 20 afirmações que requeriam dos idosos conhecimentos sobre suas experiências em determinados contextos ou episódios de preconceito social por causa da idade avançada. Os resultados encontrados no estudo chamaram atenção pois, dos 145 participantes, 64% relataram terem sofrido discriminações, como por exemplo, ouvir piadas que ridicularizavam pessoas de mais idade, ser abordado de forma condescendente ou paternalista por causa da idade, ouvir de profissionais de saúde que as dores que estavam presentes eram devidos à idade, sugestões de que idosos não ouvem bem por causa da idade, ser ignorado ou não levado a sério devido à idade, sugerir que não compreende bem por causa da idade, ser chamado de nomes impróprios, que causavam incômodo, por causa da idade, ser tratado com menos dignidade e respeito por causa da idade, escutar frases como “O(A) senhor(a) é muito(a) velho(a)”, além de ser vítima de violência física/moral devido à idade.

O idadismo também ocorre de diversas formas distintas na mídia, o que contribui para um olhar mais preconceituoso da população e para criar conflitos na vivência da subjetividade da pessoa idosa. O que aparece na mídia são idosos cometendo suicídio por

terem perdido alguém que amavam, mostra-os morando no asilo, e como os dias são entediantes, a supervalorização da juventude com indústrias que prometem o rejuvenescimento relatando como o passado era bom, atores que fazem produções de Hollywood há vários anos e “não” envelhecem quase nada nos filmes, por conta de maquiagens. Esses fatores contribuem para uma percepção da velhice desvalorizada, pois mostram que é possível preservar o que é “bom”, no caso, a juventude (Castro, 2016).

Visão geral do estudo

Apesar das especificidades na forma de expressão dos preconceitos mencionados até aqui, existem investigações sobre a existência de características intraindividuais que explicariam um preconceito generalizado (Backstrom & Bjorklund, 2007; Duckitt & Sibley, 2007; Mcfarland, 2010; Osborne et. al., 2020). Não se trata de ignorar as nuances históricas e culturais da expressão de cada forma de preconceito, mas sim de entender que existem variáveis intraindividuais que explicam uma forma generalizada de preconceito.

Algumas pessoas apresentam características individuais semelhantes quando se pensa em preconceitos. Dois tipos de personalidade podem ser observados ao falar do preconceito generalizado, que são o autoritarismo e a orientação de dominância social (Backstrom & Bjorklund, 2007; Duckitt & Sibley, 2007; Macfarland, 2010; Osborne et. al., 2020). Existem também autores que associam a personalidade preconceituosa a questões de gênero, a falta de empatia (Backstrom & Bjorklund, 2007; Mcfarland, 2010) e a falta de conexão com os direitos humanos (Mcfarland, 2010).

O autoritarismo, por exemplo, pode ser observado em pessoas que buscam estabelecer ordem social, coesão social entre os grupos e segurança, geralmente tem preconceito contra grupos que ameaçam esses princípios e a grupos que ferem normas e valores (Duckitt & Sibley, 2007). Já a orientação de dominância social se refere a pessoas que

desvalorizam grupos que despertam a competitividade por domínio, poder e superioridade, apresentam preconceitos contra pessoas que são socialmente subordinadas e “inferiores”, ou aqueles que “devam” competir por status e recursos (não é visto como socialmente desviante ou ameaçador). A forte orientação de dominância social vai preferir que as relações sejam hierárquicas, e que o seu grupo domine e seja superior aos outros (Duckitt & Sibley, 2007).

Importante dizer que a falta de conexão com os direitos humanos contribui de forma consistente para o preconceito generalizado, fornecendo uma base racional para a dimensão do preconceito. Isso ocorre, pois, essas pessoas não creem que todas as pessoas devem ser respeitadas em questões como dignidade e direitos, favorecendo uma personalidade mais preconceituosa (Mcfarland, 2010).

Acreditamos que as pesquisas sobre preconceito generalizado permitem identificar a existência de preditores que explicariam o preconceito geral. Porém, para além da identificação desses preditores, acreditamos ser relevante para o contexto brasileiro identificar se as diferentes formas de preconceito estão relacionadas entre si, sendo também uma forma de analisar a existência de um preconceito generalizado. Nesse sentido, conforme mencionado, a presente pesquisa possui dois objetivos principais: i) testar a relação entre diferentes tipos de preconceito, de modo a analisar se diferentes formas de preconceito estão relacionadas entre si (permitindo a inferência de um “preconceito geral”); ii) comparar os índices de diferentes formas de preconceito (racismo, homofobia, sexismo e idadeísmo).

3 MÉTODO

Tipificação

É uma pesquisa básica, quantitativa e exploratória.

Participantes

Participaram desta pesquisa 531 sujeitos, desse total, 417 foram mulheres (78,5%) e 110 foram homens (20,7%). A pesquisa obteve participantes de 22 estados, sendo a maioria do Distrito Federal (61,6%), seguido por São Paulo (12,6%) e Minas Gerais (10,9%). Em relação à escolaridade, o maior percentual foi superior incompleto (45,8%), seguido por médio completo (24,9%) e pós-graduação (13,7%). A renda que mais foi declarada ficou entre 3 e 5 salários mínimos (17,3%), seguido por entre 8 e 13 salários mínimos (17,1%). A idade variou de 18 a 74 anos ($M = 24,74$; $DP = 9,64$). O único critério solicitado para participação na pesquisa foi ter idade igual ou superior a 18 anos.

Instrumentos

Homofobia: Para mensurar os índices de homofobia foi utilizada a escala de preconceito contra homossexuais (Pereira, Monteiro & Camino, 2009) (Anexo), ela é usada para medir a rejeição a relações de proximidade. O instrumento é constituído por 10 itens, contém uma escala tipo *likert*, o intervalo de cada item era de 1 a 7, a tarefa dos participantes era indicar em que medida se sentiam constrangidos (1=nada constrangido e 7=muitíssimo constrangido). O índice de confiabilidade encontrado na medida foi de 0,93.

Sexismo: Para mensurar os índices sexistas foi usada a escala de sexismo ambivalente (Formiga, Golveia & Santos, 2002) (Anexo). Este instrumento é constituído por 22 itens, respondidos em escala de 4 pontos tipo *likert* e avalia dois fatores: sexismo hostil e sexismo benévolo. Para responder o participante deveria ler cada item que estava expresso e indicar

o nível de concordância com o conteúdo da frase (1=discordo totalmente e 4=concordo totalmente). O índice de confiabilidade encontrado na medida foi de 0,90.

Racismo: Para avaliar as amostras de racismo foi usada a escala de racismo moderno (Dos Santos et al. 2006) (Anexo), esta escala cobre teoricamente dois fatores: negação do preconceito e da discriminação e ameaça aos princípios de igualdade e justiça. Este instrumento continha 14 itens e o participante deveria ler as afirmações e indicar o quanto concordava ou discordava do conteúdo expresso, utilizava para isso uma escala de 7 pontos, tipo *likert* (1=discordo totalmente e 7=concordo totalmente). O índice de confiabilidade encontrado foi de 0,82.

Idadismo: Já a última escala usada foi a de ageísmo ambivalente (Cary, Chasteen & Remedios, 2017) (Anexo), essa escala mensura teoricamente dois fatores: idadismo hostil e idadismo benevolente. Foram validados 13 itens, que deveriam ser respondidos em escala tipo *likert* de 5 pontos, o participante ao ler a afirmação deveria indicar seu grau de concordância (1=discordo totalmente e 5=concordo totalmente). O índice de confiabilidade encontrado foi de 0,84.

Procedimentos

A pesquisa foi divulgada online, por meio de redes sociais como Facebook, Instagram e Whatsapp. A pessoa caso aceitasse participar do estudo deveria responder inicialmente uma escala sobre sexismo ambivalente, depois escala sobre homofobia, depois uma escala sobre racismo moderno, depois uma escala sobre idadismo ambivalente e, por fim, deveria responder aos dados sociodemográficos, que continha questões como idade, sexo, cidade/estado em que reside, nível de escolaridade, nível de renda familiar e profissão/situação laboral.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro lugar, optou-se por comparar os índices de preconceito na amostra investigada. Os resultados podem ser visualizados por meio da Figura 1.

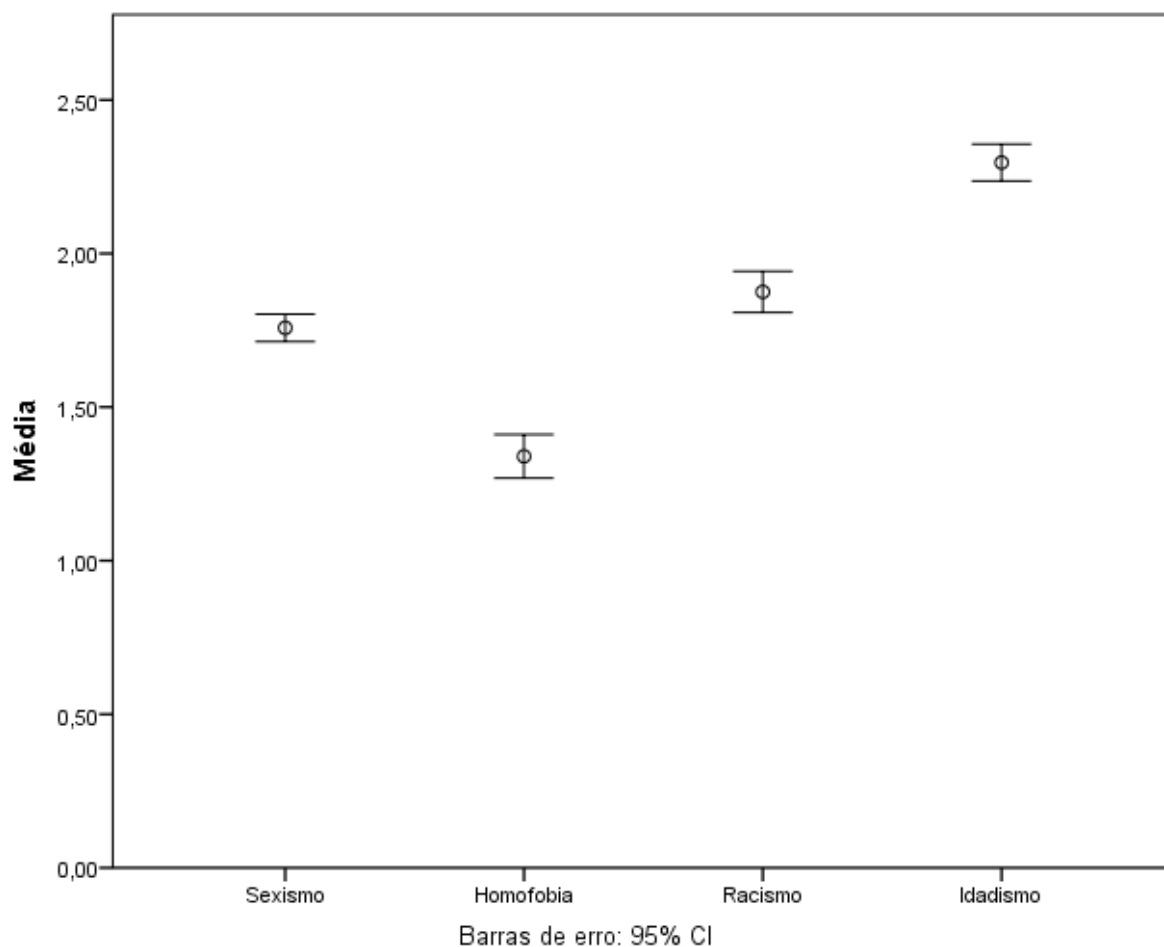


Figura 1 – Diagrama de barras de erros dos índices de preconceito.

Conforme pode ser visualizado na Figura 1, os índices gerais de preconceito foram baixos, apesar disso, verifica-se um maior índice de idadismo. Chama atenção também que, embora a homofobia tenda a ser considerada ainda uma forma de preconceito mais explícita, foi o tipo de preconceito menos expresso pela amostra. Sexismo e racismo apresentaram índices semelhantes.

Adicionalmente, optamos por realizar a mesma análise segmentado a amostra entre homens e mulheres. Os resultados podem ser visualizados na Figura 2.

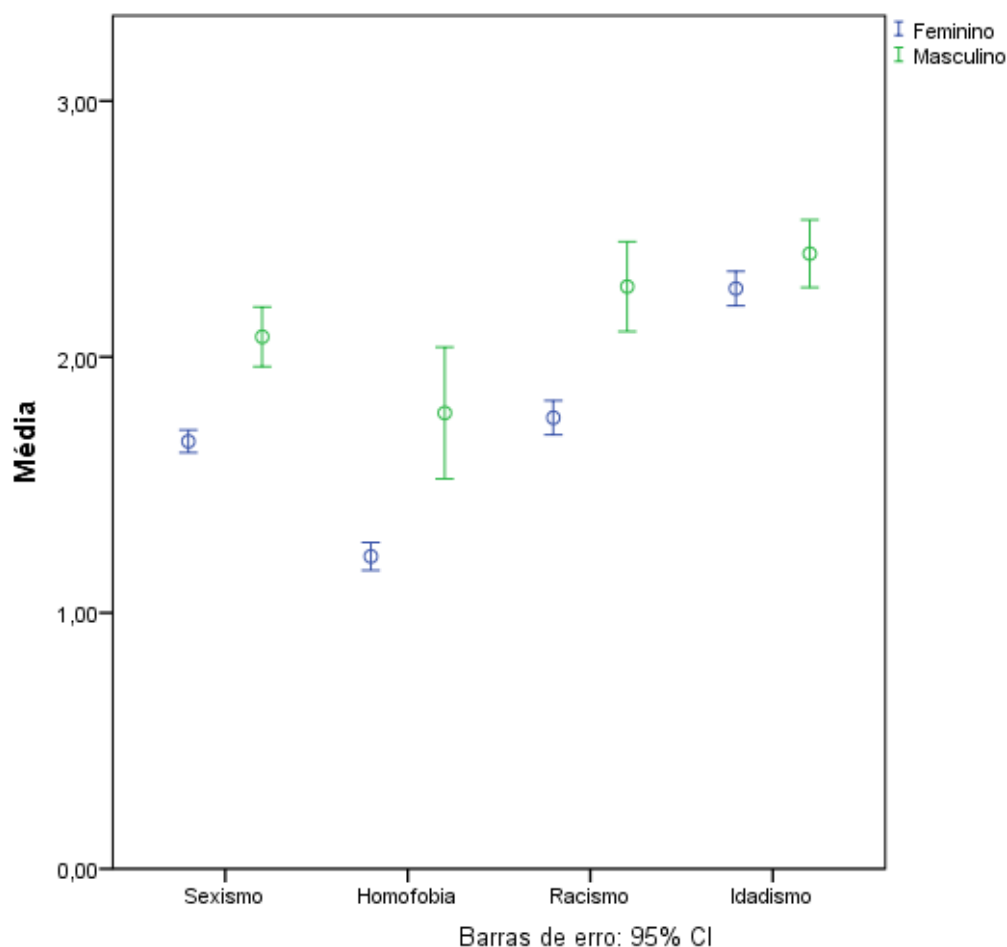


Figura 2 – Diagrama de Barras de Erro dos índices de preconceito por sexo.

Conforme pode ser visualizado na Figura 2, homens apresentaram maiores índices de sexismo, de homofobia e de racismo. Já sobre o idadismo, os valores foram mais próximos em uma comparação entre os sexos. De todo modo, em geral, tais resultados apontam para um posicionamento mais preconceituoso dos homens.

Em seguida, foi conduzido um teste de Correlação de Pearson entre as formas de preconceito e as variáveis demográficas intervalares. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1

Diferentes tipos de preconceito correlacionados e com dados sociodemográficos (escolaridade, renda e idade).

		Sexismo	Homofobia	Racismo	Idadismo	Escolaridade	Renda	Idade
Sexismo	Correlação de Pearson	1	0,52	0,67	0,54	0,04	-0,08	0,13
	P		0,00	0,00	0,00	0,40	0,07	0,00
Homofobia	Correlação de Pearson		1	0,42	0,26	0,06	0,04	0,19
	P			0,00	0,00	0,15	0,35	0,00
Racismo	Correlação de Pearson			1	0,45	0,06	-0,03	0,16
	P				0,00	0,18	0,50	0,00
Idadismo	Correlação de Pearson				1	-0,14	-0,17	-0,06
	P					0,00	0,00	0,18
Escolaridade	Correlação de Pearson					1	0,29	0,65
	P						0,00	0,00
Renda	Correlação de Pearson						1	0,23
	P							0,00

Conforme pode ser visualizado na Tabela 1, todas as diferentes formas de preconceito estão correlacionadas entre si. O maior índice de correlação encontrado foi entre racismo e sexismo (0,67), seguida pela correlação encontrada entre idadismo e sexismo (0,54), e sexismo e homofobia (0,52). O menor índice de correlação identificado foi entre idadismo e homofobia (0,26).

Ao explorar as variáveis sociodemográficas, foi encontrado que um maior nível de escolaridade só está relacionado com menores índices de idadismo, fora isso, a pessoa ter um maior nível de escolaridade em nada se relaciona com o preconceito do indivíduo, e mesmo com o idadismo, esse índice de correlação, por mais que exista, é baixo. Em relação à renda,

quanto maior a renda, menor o índice de idadismo, mas essa relação também é fraca, uma maior renda não influencia a relação com outros tipos de preconceito. Já em relação a idade dos participantes ela se relaciona com sexismo, homofobia e racismo, quanto maior a idade do participante, mais ele(a) pode ser sexista, mais homofóbico e mais racista, mas não tem relação com o idadismo, essa relação encontrada é também uma relação fraca.

Conforme mencionado, o objetivo da presente pesquisa foi testar a relação entre os diferentes tipos de preconceito, de modo a analisar se diferentes formas de preconceito estão relacionadas entre si (permitindo a inferência de um “preconceito geral”) ou se devem ser entendidos como fenômenos não correlacionados e independentes. Adicionalmente, buscou-se comparar os índices de racismo, homofobia, sexismo e idadismo.

De forma geral, podemos identificar correlações entre todas as formas de preconceito. À exceção da correlação entre homofobia e idadismo, todas podem ser consideradas de moderadas a alta. Em conjunto, esses dados chamam atenção sobre a existência de um preconceito generalizado que esteja na base da expressão de diferentes formas de preconceito. Ou seja, a despeito das particularidades históricas e sociais sobre cada uma das formas de preconceito analisadas na presente pesquisa, parece existir uma ligação entre todas as formas. Novas pesquisas podem se focar na identificação do que de fato está ligada às diferentes formas de expressão do preconceito. Estudos anteriores têm evidenciado que existem variáveis psicológicas como o autoritarismo e a orientação à dominância social que podem explicar essa ligação entre diferentes formas de preconceito (Backstrom & Bjorklund, 2007; Duckitt & Sibley, 2007; Mcfarland, 2010; Osborne et. al., 2020).

A despeito da relação entre as diferentes formas de preconceito, elas foram identificadas em níveis distintos na presente amostra. Tal dado evidencia que, ainda que

possuam um “núcleo comum” que liga essas formas de preconceito, elas se expressam de formas e níveis distintos. Especificamente, chama atenção os elevados índices de idadeísmo na amostra investigada. Acreditamos que isso possa ser explicado pelo fato desse preconceito ser menos discutido no Brasil se comparado a outras formas (Silva, 2020). Ou seja, podemos inferir que ações informativas e de conscientização, talvez, estejam reduzindo outras formas de preconceito, sendo necessárias mais ações que foquem no combate ao idadeísmo, especificamente com um público jovem (perfil da amostra investigada).

Sobre os índices gerais de preconceito, chama atenção também que homens apresentaram mais preconceito do que mulheres em relação às diferentes formas investigadas. Isso pode ser explicado pelos homens (sobretudo brancos, heterossexuais e cisgêneros) ocuparem mais posições de poder, estarem acostumados a privilégios e, conseqüentemente, serem menos sensíveis a questões sociais como o preconceito. Esse dado chamou atenção para que mais ações sejam direcionadas ao público masculino no que se refere ao combate ao preconceito. Ainda sobre dados sociodemográficos, percebeu-se que o incremento da idade se relacionou com aumento dos índices de preconceito, exceto no caso do idadeísmo. Isso chama atenção que intervenções sobre preconceito devem ser pensadas considerando a variável idade, embora, na presente pesquisa, esse dado deva ser visto com parcimônia, tendo em vista que a maioria da amostra era composta por jovens.

Acreditamos que a presente pesquisa possui algumas limitações. Primeiro, em relação à amostra, o perfil da amostra foi majoritariamente de mulheres e jovens. Novas pesquisas podem diversificar o perfil da amostra em pesquisas futuras, de modo a uma melhor compreensão sobre a expressão do preconceito no país. Adicionalmente, do ponto de vista analítico, utilizamos apenas testes de correlação. Novas pesquisas podem usar técnicas mais robustas para identificar qual seria o “núcleo” que une diferentes formas de

preconceito. A literatura internacional tem apontado que variáveis como dominância social e autoritarismo podem ser úteis para esta compreensão (Duckit & Sibley, 2007).

5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar das limitações, acreditamos que a pesquisa tem importantes contribuições. Apresentamos evidências de que diferentes formas de preconceito estão relacionadas entre si. Ou seja, a despeito das diferenças históricas e sociais de suas expressões, parece haver algo que os une e permite que falemos em um preconceito generalizado no contexto brasileiro. Adicionalmente, identificamos que, ao menos para o público jovem, é preciso ter maior atenção para intervenções focadas no idadismo, tendo em vista que os índices elevados (em comparação às outras formas de preconceito) identificados na presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Allport, G. W., Clark, K., & Pettigrew, T. (1954). The nature of prejudice.
- Backstrom, M., & Bjorklund, F. (2007). Structural modeling of generalized prejudice: The role of dominance, authoritarianism, and empathy. *Journal of Individual Differences, 28*(1), of social 10-17.
- Borrillo, D. (2001). Homofobia. Barcelona: Bellaterra.
- Butler, R. N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *The gerontologist, 9*(4_Part_1), 243-246.
- Cabecinhas, R. (2010) “Expressões de racismo: mudanças e continuidades”. In: Mandarino, A. C. S. & Gomberg, E. (Eds.) *Racismos: Olhares plurais* (PP. 11-43). Salvador: Editora da Universidade Federal Da Bahia.
- Cary, L. A., Chasteen, A. L., & Remedios, J. (2017). The ambivalent ageism scale: Developing and validating a scale to measure benevolent and hostile ageism. *The Gerontologist, 57*(2), e27-e36.
- Castro, G. G. (2016). O idadismo como viés cultural: refetindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, (31)*.
- Costa, Â. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em psicologia, 23*(3), 715-726.
- De Souza, L. E. C., Maia, L. M., de Lima, T. J. S., Teixeira, S., & Neves, C. S. C. (2019). Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre a discriminação contra idosos. *CIAIQ2019, 2*, 381-389.

- Dinis, N. F. (2011). Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, (39), 39-50.
- Dos Santos, W. S., Gouveia, V. V., Navas, M. S., Pimentel, C. E., & Gusmão, E. E. (2006). Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. *Psicol Estud*, 3, 637-645.
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right wing authoritarianism, social dominance orientation and the dimensions of generalized prejudice. *European Journal of Personality: Published for the European Association of Personality Psychology*, 21(2), 113-130.
- Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: medición y correlatos. *Revista de Psicología social*, 13(2), 159-169.
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, 7(1), 103-111.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). Ambivalent sexism. In *Advances in experimental social psychology* (Vol. 33, pp. 115-188). Academic Press.
- Groth, S. M. (2003). É possível envelhecer. DORNELLES, Beatriz. Envelhecimento bem-sucedido. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Guimarães, A. S. A. (1999). Racismo e anti-racismo no Brasil. Editora 34.
- Joaquim, N. (2007). Igualdade e discriminação. *Universo Jurídico*.
- Kamel, A. (2006). Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. Editora Nova Fronteira.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia* (Natal).
- López, L. C. (2012). O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 16, 121-134.

- Magalhães, C. P., Antão, C., Anes, E., & Fernandes, A. (2009). Idadismo. In Congresso o Doente Crónico e a Saúde Comunitária". SevenProf.
- McFarland, S. (2010). Authoritarianism, social dominance, and other roots of generalized prejudice. *Political Psychology*, 31(3), 453-477.
- Mesquita Filho, M., Eufrásio, C., & Batista, M. A. (2011). Ambivalent sexism and gender stereotyping in male adolescents aged 12 to 16 years. *Saúde e Sociedade*, 20(3), 554-567.
- Osborne, D., Satherley, N., Little, T. D., & Sibley, C. G. (2020). Authoritarianism and social dominance predict annual increases in generalized prejudice. *Social Psychological and Personality Science*, 1948550620969608.
- Pereira, A. dos S. L. S., Dia, S. M. P. da S., Lima, T. J. S., & Souza, L. E. C.. (2017). As crenças sobre a homossexualidade e o preconceito contra homossexuais no ambiente de trabalho. *Temas em Psicologia*, 25(2), 563-575.
- Pereira, A., Monteiro, M. B., & Camino, L. (2009). Estudo da validação das escalas de crenças sobre a natureza da homossexualidade e de preconceito contra homossexuais. *Laboratório de Psicologia*, 7(1), 21-32.
- Sacco, A. M., de Paula Couto, M. C. P., & Koller, S. H. (2016). Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas em Psicologia*, 24(1), 233-250.
- Sarti, C. A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, v.15, n.3, p.11-28.
- Soliva, T. B. (2010). Família e Homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. *fazendo gênero*, 9.
- Sears, D. O., & Kinder, D. R. (1971). *Racial tension and voting in Los Angeles* (Vol. 156). Institute of Government and Public Affairs, University of California.

- Sousa, A. C. S. N. de Lodovici, F. M. M., Silveira, N. D. R., & Arantes, R. P. G. (2014). Alguns apontamentos sobre o Idadismo: a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envel*
- Stangor, C. (2009). The study of stereotyping, prejudice and discrimination withing social psychology: A quick history of theory and research In TD Nelson,(Ed.). *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 1-22).
- Turra, C., & Venturi, G. (1995). *Datafolha Racismo cordial: A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Editora Ática.

ANEXOS

Anexo A

Primeira etapa:

Prezado(a) participante,

Nesta etapa, responda aos itens assinalando sua concordância ou discordância, de 1

(Discordo totalmente) a 4 (Concordo totalmente). Não há resposta certa ou errada, apenas expresse sua verdadeira opinião.

1. Todo homem deve ter uma mulher a quem amar.
2. Homem é incompleto sem mulher
3. Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens
4. Ninguém é feliz sem ter um companheiro
5. Mulheres são mais refinadas e tem melhor bom gosto
6. Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem
7. Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher
8. Mulheres tem a pureza que poucos homens possuem
9. Mulheres tem maior sensibilidade moral
10. Homens devem prover segurança econômica a mulheres
11. Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro
12. Mulher procura controlar o homem comprometido com ela
13. Mulheres procuram poder controlando os homens
14. Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam os homens
15. Mulheres exageram problemas no trabalho
16. Mulheres não dão valor a tudo que os homens fazem por elas

17. Mulheres interpretam ações inocentes sendo sexistas
18. Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder
19. Mulheres se ofendem muito facilmente
20. Feministas fazem demandas irracionais aos homens
21. Mulheres alegam discriminação em derrotas justas
22. Em nome de igualdade, as mulheres procuram privilégios

Segunda etapa:

Agora responda aos itens assinalando EM QUE MEDIDA SE SENTIRIA CONSTRANGIDO(A), de 1 (nada constrangido) a 7 (muitíssimo constrangido). Não há resposta certa ou errada, apenas expresse sua verdadeira opinião.

1. Ter no seu grupo de trabalho da faculdade uma pessoa homossexual.
2. Receber em sua casa um homossexual
3. Ter amigos que sejam homossexuais assumidos
4. Ver casais homossexuais namorando
5. Ter um(a) filho(a) homossexual
6. Saber que um familiar próximo é homossexual
7. Ter um(a) professor(a) homossexual
8. Conversar com homossexuais
9. Se um(a) filho(a) seu (sua) tivesse amizades com homossexuais
10. Morar com homossexuais assumidos

Terceira etapa:

Prezado(a) participante,

Por favor, leia atentamente cada um dos itens abaixo A RESPEITO DOS NEGROS e em seguida, indique seu grau de concordância com cada um deles, de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente). Não há resposta certa ou errada, apenas expresse sua opinião.

1. Os(as) negros(as) têm conseguido mais do que merecem
2. Negros(as) recebem muito respeito e consideração
3. Negros(as) são muito exigentes em relação aos seus direitos
4. A discriminação racial não é um problema do Brasil
5. Os(as) negros(as) têm muita influência política
6. Eles não necessitam de ajuda, apenas devem se esforçar
7. Negros(as) devem superar o preconceito sem apoio como aconteceu com outros grupos
8. Negros(as) são mais habilidosos em trabalhos manuais
9. Possuem maior habilidade culinária
10. Estão em moda suas danças pela sensualidade que expressam
11. Tem-se dada demasiada importância aos seus movimentos de protesto
12. Parece pouco prudente dar importância às suas queixas
13. Apresentam melhor desempenho em modalidades esportivas
14. Possuem uma beleza diferente

Quarta etapa:

Agora, responda aos itens assinalando seu grau de concordância, de 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente). Não há resposta certa ou errada, apenas a expressão de sua opinião.

1. É válido dizer a idosos que eles estão velhos demais para fazer certas coisas porque, do contrário, eles podem se frustrar quando tentarem e falharem
2. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar porque já quitaram suas dívidas com a sociedade
3. Mesmo querendo, idosos não deveriam trabalhar por conta de suas fragilidades e possibilidade de adoecerem
4. É válido falar devagar com idosos porque eles podem levar um tempo para entender o que é dito
5. As pessoas deveriam preservar idosos de notícias tristes porque eles se emocionam facilmente
6. Os mais velhos precisam ser protegidos da dura realidade de nossa sociedade
7. É útil repetir coisas para idosos porque, muitas vezes, eles podem não entender de primeira
8. Mesmo que idosos não peçam ajuda, sempre se deve oferecê-la a eles
9. Mesmo que não peçam ajuda, idosos devem ser ajudados com suas compras
10. Muitos idosos interpretam simples observações ou gestos como preconceito contra eles
11. Idosos se ofendem fácil demais
12. Idosos veem de forma exagerada os problemas que têm no trabalho
13. Idosos são um problema para o sistema de saúde e para a economia do país

Quinta etapa:

idade:

sexo:

cidade/estado:

escolaridade:

nível de renda familiar:

profissão/situação laboral: